

## ZINE-ÓCULOS: UM OLHAR SOBRE A SALA 109

### ZINE-GLASSES: A GAZE ON ROOM 109

Ícaro Lênin Maia Malveira / UFC  
João Vilnei de Oliveira Filho / UFC  
Antonio Wellington de Oliveira Junior / UFC

#### RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido a partir das proposições da disciplina de Ateliê de Criação II, do Programa de pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC), no espaço da sala 109, um lugar de criação, pensamento e discussão em Artes. A intenção é apresentar a experiência de criação de um fanzine experimental que proponha diferentes modos de ver o espaço mencionado. Como transformar a sala 109 em fanzine? E o fanzine numa sala de aula? Partindo desses problemas, a criação de um zine-óculos surge como possibilidade para o desafio de observar a sala 109 pelas lentes de uma pesquisa que traz o fanzine como poética. Este trabalho carrega reflexões que surgiram no decorrer do processo, trata da manufatura do zine-óculos, e da experiência de observar a sala 109 por meio deles. Para isso, articulo a reflexão a partir dos trabalhos de Henrique Magalhães sobre fanzine e de Filomena Silvano sobre espaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** zine-óculos; sala 109; experiência; fanzine; espaço

#### ABSTRACT

*The present work was developed from the propositions of the Creation Atelier II course, from the post-graduation program in Arts of Federal University of Ceara (UFC), at 109 room, a place of creation, reflection and discussion of Arts. The intention is to create an experimental fanzine able to propose different ways of seeing the aforementioned space. How to make a fanzine out of room 109, or the other way around? From this perspective, the creation of zine-glasses emerges as a possibility to the challenging duty of observing room 109 through the lens of a research which brings fanzine as poetic. This work carries reflections brought up throughout the creation process, as well as relates to the manufacture of a zine-glasses and the experience of contemplating room109 through them. In order to do so, it was needed support In the works of Henrique Magalhães about fanzine, as well as Filomena Silvano's regarding space.*

**KEYWORDS:** zine-glasses; room 109; experience; fanzine; space

## Introdução

Sem dizer-nos uma só palavra, sem parecer ocupar-se da nossa presença, o armênio armou o vidro em um aro de ouro, e no ponto em que o aro circular se liga ao anel destinado ao cordão pendurador, imprimiu sinistro selo, uma letra cabalística, com um sinete de forma triangular, e enlaçou no anel da luneta um cordão finíssimo, em que se entrançavam cabelos de todas as cores, e de diversos animais. Estava terminada a mágica operação. O armênio me entregou a luneta, e disse-me então:

— Dou-te uma luneta mágica; verás por ela, quanto desejares ver, verás muito: mas poderás ver demais. (...) por ela verás demais no presente.

Em breve experimentarei se vejo, como e quanto vejo.

(A Luneta Mágica, Joaquim Manuel de Macedo)<sup>1</sup>

A luneta feita pelo mágico armênio para o narrador-personagem do romance de Joaquim Manuel de Macedo, *Simplício*, corrige dois problemas distintos: além da miopia física, incrivelmente, também a moral. De maneira similar, este trabalho trata da criação de um fanzine experimental que consiste na feitura de um aparato óptico: um zine-óculos. Ou seja, talvez seja possível dizer que o mágico e o pesquisador trazem, ambos, com seus objetos forjados, a proposição de uma experiência visual, ou modos de ver: um revela diante dos olhos as nuances morais e éticas da sociedade carioca do século XIX; o outro, diferentes maneiras de se ver e experimentar o espaço.

Este trabalho é um dos projetos da minha pesquisa de pós-graduação que investiga as relações entre fanzine e cidade, e sua abordagem foi se definindo pelo percurso que tracei como fanzineiro, professor e pesquisador. O produto do trabalho aqui apresentado consiste em dois óculos artesanais que formam um fanzine experimental chamado Zine-óculos. Seu desenvolvimento está relacionado às atividades da disciplina de Ateliê de Criação II, cadeira eletiva do PPGArtes da Universidade Federal do Ceará (UFC). A experiência visual que se busca colocar em curso leva em conta um lugar específico dentro da Universidade: a sala 109, onde ocorrem as aulas da disciplina mencionada.

### “Um olho no peixe e outro no gato”

Este trabalho parte de duas dimensões: uma prática – que envolve as ações de invenção/criação do zine-óculos e a experimentação do mesmo na sala 109; e outra teórica – que consiste na descrição das ações, registro fotográfico e referenciais bibliográficos. Para tanto, é preciso entender que a relação entre esses dois âmbitos

FILHO, João Vilnei de Oliveira; JUNIOR, Antonio Wellington de Oliveira; MALVEIRA, Ícaro LÊNIN Maia. Zine-óculos: um olhar sobre a sala 109. In *Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, 27º, 2018, São Paulo. *Anais do 27º Encontro da Anpap*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3144-3158.

de uma pesquisa é próxima, possibilitando imbricações e deixando de lado a visão de que a pesquisa tem uma lógica operativa apartada da vida. O que vem a somar com essa perspectiva é o entendimento de que a teoria, ao invés de ser uma, caracteriza-se, cada vez mais, por sua natureza multiforme, plural e parcelada, o que nos leva a falar de teorias, no plural. Desse modo, é possível destacar uma aproximação cada vez maior entre a teoria e a prática artística, onde o que se aplica a uma, também se aplica a outra (FÉRAL, 2015). O pesquisador busca evitar, portanto, fazer-se de cego ou descuidado ante uma teoria que também se assume como um processo, bem como uma prática que se sustenta por todo um pensamento e que ampara a ação.

Conduzindo a pesquisa através da relação entre teoria e prática, defino a poética do fanzine como ponto de partida para o trabalho. Nesse sentido, os estudos do professor Henrique Magalhães são importantes para entender o zine nas suas mais diversas instâncias: sua definição enquanto tipo de publicação, histórico e processos de criação. Nesse contexto, o fanzine acaba se mostrando como veículo de expressão de indivíduos, grupos ou coletivos, partindo de uma caracterização em que ele se define como uma publicação alternativa, autoral e independente. Em consonância com esses aspectos, temos a diversidade quanto as possibilidades de composição do gênero e as várias vertentes temáticas (MAGALHÃES, 1993).

A origem desse tipo de publicação remete às décadas de 30 e 40, quando fãs de ficção científica elaboravam revistas artesanais como uma forma de homenagear as principais obras desse segmento. Portanto, torna-se necessário ressaltar a importância do fã, como uma figura que pode ser entendida não apenas como criador de conteúdo, mas possível público-alvo dos “zines”, como são popularmente chamados. Assim, torna-se coerente a origem da palavra fanzine, que deriva da expressão “fanatic magazine”, ou revista do fã. (MAGALHÃES, 1993).

A experiência visual com os óculos deu-se na sala 109. A percepção visual e a relação com o espaço estão relacionadas a um contexto de criação de um novo espaço que se dá a partir da ação sobre o mesmo e da invenção de novas formas de ver. Para isso, trago o pensamento sobre espaço, segundo Lefebvre, para o qual a questão da sua produção apresenta-se permeada de dúvidas que encontram

contornos de esclarecimento quando se passa a observar as práticas sociais como parte integrante desse processo. Assim, a observação do espaço é uma ação que se relaciona com o observar das práticas sociais que o constituem como tal (SILVANO, 2010).

## **Metodologia**

### **Proposições para um inventário da sala 109**

- Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.  
(Ensaio sobre a Cegueira, José Saramago)<sup>2</sup>

Na aula de Ateliê de Criação II, dia 19/04/2018, foi-nos pedido pelos professores Wellington Junior e João Vilnei que fizéssemos um inventário da sala 109, atentos ao que, ali, poderia dialogar com a pesquisa de cada um. A essência do exercício proposto consistia em “observar a sala através dos `óculos da sua pesquisa””, como João nos explicou.

Para entender melhor esta atividade é preciso falar um pouco sobre o espaço onde ela seria realizada. A sala 109 está situada no Instituto de Cultura e Arte (ICA), onde são ministradas as aulas de Ateliê de Criação II, disciplina do PPGArtes da UFC, bem como algumas aulas da graduação em Comunicação. A sala é, também, um projeto do professor Wellington e resultado de sua pesquisa no pós-doutorado realizado na Universidade de Aveiro, Portugal.

Acontece ali, atravessando o espaço estereotipado de sala de aula, a V Mini Micro Pocket Mostra de Arte, curiosidade que nos leva imediatamente ao seu interior e ao que ela guarda: três bancadas de madeira com materiais diversos, parte de um tronco de árvore seca, várias fotografias de mulheres na parede, um quadro de Márcia Mendonça, cartazes do projeto TRACEaFACE, desenhos de Tutunho (personagens macunaímico criado por Wellington), esculturas de artesãos do Cariri cearense, pintura sacra da Virgem, pisca-pisca, uma rede, objetos obsoletos e materiais sucateados da UFC, dentre outros elementos que aos poucos emergem ao sabor da vista. A sensação é de atulhamento, obliteração e excesso de informação.

FILHO, João Vilnei de Oliveira; JUNIOR, Antonio Wellington de Oliveira; MALVEIRA, Ícaro Lênin Maia. Zine-óculos: um olhar sobre a sala 109. In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3144-3158.



Figura 1: Interior da sala 109. Fotografia: Ícaro Malveira.

O cômodo talvez não se defina de fato como uma sala de aula, tão logo tropeçamos na sua estranha organização, dada a aparência não institucional e inesperada. Assim, por um lado, podemos aceitar de bom grado o equívoco da nossa expectativa, e entender que não se trata apenas de uma sala, assim como também não é uma despensa, nem uma galeria de arte. Por outro, creio que não haveria problema se pudéssemos reconhecer que ela pode ser tudo isso junto, pois existe uma natureza mais que dúbia nesse espaço: é um lugar de ambiguidade, incerteza e transitoriedade. Cada semestre, os alunos desenvolvem trabalhos, atividades e acrescentam novos objetos, transformam o que lá está, tomam emprestado, criam, deformam e alteram a anatomia de um espaço que é orgânico. A sala é um palimpsesto, é uma sala-cidade, é uma provocação.

Durante a atividade, rapidamente a ação de inventariar a sala transformou-se em reinventar o espaço e pensar uma poética de criação. No meu caso, para transformar a sala em um fanzine, veio-me imediatamente a metáfora do prof. João Vilnei – observar com os óculos da pesquisa. Nesse momento, surgiu minha proposição de desenvolver um zine-óculos, que consiste na criação de dois protótipos de óculos artesanais, através dos quais se possa ver/experimentar a sala de outras formas, em contraste com o cotidiano das aulas de Ateliê II.



Figura 2: Alunos da disciplina de Ateliê II explorando a sala 109.  
 Fotografia: Ícaro Malveira.

**“Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática.”<sup>3</sup>**

Parte deste trabalho foi feita na minha cidade natal, Limoeiro do Norte, município localizado no Vale do Jaguaribe, situado a 200km de Fortaleza. É o lugar onde moro e ministro aulas de Literatura e Arte e Educação no Colégio Diocesano Pe. Anchieta. Portanto, o espaço de criação duplo – respectivamente, minha casa e a sala 109 – reflete um pouco da movimentação periódica e das dificuldades cotidianas como pesquisador que divide sua rotina entre as atividades docentes no interior e a pós-graduação na capital.

A criação de um zine-óculos exige muita “invencionática” no processo de criação, como pude constatar. Foram feitos dois óculos artesanais com materiais de baixo custo e fácil acesso. A intenção foi usar itens simples e que aparentemente não possuísem relação com a produção de óculos quaisquer, e converter esses materiais através da feitura manual em óculos experimentais/artesanais, ao invés de comprar óculos “prontos” e baratos, que tão facilmente poderiam ser encontrados em camelôs ou ambulantes.

Partindo dessa lógica, saí pela cidade em busca de papelarias e lojas de R\$ 1,99 onde pudesse encontrar os materiais para a confecção do zine-óculos. Ao final de algumas horas de busca, reuni os seguintes itens, entre aquilo que foi comprado e o que já tinha em casa: espetinhos de madeira, copo retrátil, fita isolante, folha

FILHO, João Vilnei de Oliveira; JUNIOR, Antonio Wellington de Oliveira; MALVEIRA, Ícaro Lênin Maia. Zine-óculos: um olhar sobre a sala 109. In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3144-3158.

transparência (acetato), tecido TNT, pedaços de arame, caixas de madeira, fita durex, tesoura, estilete, agulha, alicate.

A base da armação seria feita a partir da junção de duas partes básicas: os aros dos óculos e as pernas, ambos feitos com os materiais comprados ou encontrados em casa. Não busquei manuais, tampouco referências da oftalmologia sobre a definição de óculos, aparelhos ópticos ou lentes, pois, como já foi dito, eles não trariam solução para um problema físico, mas sim uma dimensão de experimentação do espaço. Não seriam, portanto, óculos convencionais, sua criação partiria da minha intuição e ação a respeito das maneiras como se poderia articular novas formas de ver a sala 109.

Durante a confecção dos óculos, segui alguns passos que explico aqui. Para criar a primeira parte da armação, os aros, tomei as partes circulares do copo retrátil que, desmontado, dividia-se em vários anéis circulares de tamanhos diferentes. Ligando dois deles por uma de suas extremidades com um pequeno pedaço de arame em forma de “u” e colados por fita isolante, os dois aros formariam o corpo dos óculos. As pernas, segunda parte do aparato, foram feitas com os espetinhos de madeira. Na extremidade de cada uma, pedaços de arame seriam colados em forma de meia lua para passar por sobre a orelha e dar sustentação no rosto. A base da armação estaria completa depois que as pernas fossem coladas à outra extremidade dos aros, separadamente, com fita isolante.

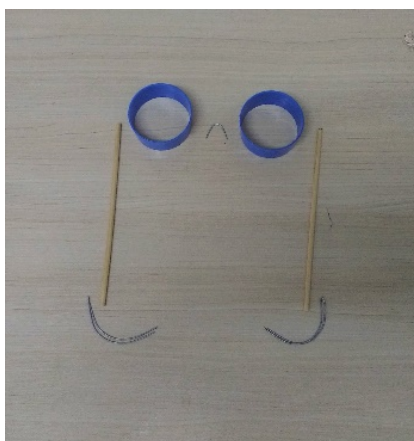


Figura 3: Base da armação dos óculos artesanais.  
Fotografia: Ícaro Malveira.

Nos primeiros óculos, utilizei a tampa perfurada dos copos encaixada na primeira circunferência retrátil para fazer os aros. Cada um deles traz duas lâminas de acetado coladas com fita durex uma à outra pela metade, quatro lâminas ao todo. Portanto, entre as duas lâminas referentes a cada olho, poderia colocar no entre-espaço materiais translúcidos ou diáfanos, semi-transparentes, filtros com desenhos ou grafismos. Além deles, materiais que pertencem a sala poderiam ser utilizados.

No segundo modelo, usei como base para os aros o fundo do copo retrátil, depois de feito um furo com agulha quente no centro de cada. Os furos deveriam ser feitos no mesmo lugar para que o ponto focal dos dois olhos fosse um único orifício, o que não aconteceu. Um desvio milimétrico fez com que os pontos não coincidisse, e o que vi foram dois círculos com uma desfocada zona de interseção entre eles. Como os aros escolhidos eram muito pequenos, ainda conseguia identificar várias partes da sala com minha visão periférica. Para solucionar essa questão, coleí pedaços de tecido TNT preto na parte superior e lateral dos aros, a fim de vedar a visão e valorizar o efeito visual dos óculos.



Figura 4: Óculos 1. Fotografia: Ícaro Malveira.





Figura 5: Óculos 2. Fotografia: Ícaro Malveira.

As marcas do processo artesanal fazem-se perceber em cada detalhe e nos materiais utilizados. O zine-óculos surge, ao final, como um conjunto de dois óculos-gambiarra, mais parecidos com os aparatos utilizados pelo Inspector Gadget<sup>4</sup>. No entanto, sua feição tosca é absolutamente proposital, como deve entender o leitor. A segunda parte deste momento prático cumpre-se por meio da observação/experimentação da sala 109 através deles. A ação de usar os óculos busca fundir duas relações que eventualmente o indivíduo possa estabelecer com a sala, em uma só: a leitura do espaço e a experiência com o espaço. Uma diz respeito as formas de ver, outra ao corpo e lugar.

### **Um conto de duas cidades<sup>5</sup>**

Como etapa final do projeto de criação do zine-óculos e com o título da obra de Charles Dickens em mente, discorro sobre duas experiências de observação na cidade-sala 109, que aconteceram do dia 26/04/2018. Nessa data (uma quinta-feira), cheguei ao espaço antes de a aula começar, coloquei cada um dos óculos por dez minutos e experimentei caminhar e observar o lugar à minha volta, tentando identificar alterações na minha experiência com a sala 109, ao usar dentro dela os óculos que foram criados durante as duas últimas semanas, em abril de 2018.

## a) Óculos 1 – Obliteração



Figura 6: Edição #330, do gibi Superman. Imagem retirada da internet.

Fonte: <<https://pt.linkedin.com/pulse/como-superman-se-esconde-atr%C3%A1s-dos-%C3%B3culos-pedro-ivo-barbosa>>.

A edição do gibi Superman #330, de 1978 (ver figura 6), revela ao leitor que os óculos usados por Clark Kent têm lentes hipnóticas de cristal de Kryptonita, que provocam prosopagnosia nas pessoas à sua volta, ou seja, agnosia visual. Isso explicaria o fato de que, com um simples tirar de óculos, seria humanamente impossível identificar Clark como Superman.

Sendo as “lentes” feitas de acetato, e não de Kryptonita, o primeiro dos óculos propõe uma nova forma de ver o espaço, diferente dos óculos do Superman, cujas lentes alteram a percepção da identidade do herói. Enquanto aquele expande a individualidade do espaço, este protege a identidade do indivíduo. Nesse sentido é que se pode estabelecer um paralelo entre um e outro.

Os óculos obliterantes possuem uma abertura entre as duas lentes feitas com pedaços circulares de acetato para que sejam colocados diferentes materiais diáfanos ou translúcidos encontrados no interior da sala 109. A sensação ao colocá-lo é de fragilidade, com os aros maiores feitos com a primeira peça do copo retrátil, sua estrutura ficou mais molenga no rosto, precisando de ajustes constantes com as duas mãos para que não caísse no chão. Mesmo estável na face, percebia-se que ficava irremediavelmente torto, embora isso não impeça o seu uso.

Para o teste, utilizei apenas dois pequenos “filtros” que fiz usando acetato com vários pontinhos pretos. Coloquei os filtros dentro das lâminas e observei o entorno da sala, que aparentava ser ainda mais confusa, pois os pontos do filtro, como estavam muito próximos aos olhos, ficaram desfocados, e a imagem formada era uma mistura da sala, em foco, com os objetos que a compõem e os efeitos fora de foco do filtro.

Ao caminhar pela sala, entre as bancadas e próximo as cadeiras, tive a impressão de preenchimento e sujeira provocada pelo filtro, o que aumentou a obliteração do espaço pelo acréscimo de mais elementos visuais. Como é difícil encontrar acetato nas papelarias, as folhas que consegui eram velhas e amareladas, somando-se essa coloração aos pontinhos que desenhei, surgiu essa sensação de menor luminosidade e maior atulhamento e sujeira do espaço como um todo e não apenas dos objetos em si. Como se os óculos atribuíssem ao amontoado de objetos e itens da sala um caráter de poluição visual.

#### b) Óculos 2 – Focalização



Figura 7: *Étant donnés*(1946-1966), de Marcel Duchamp.

Imagem retirada da internet.

Fonte: <<http://falcaoklein.blogspot.com/2014/02/etant-donnes.html>>.

Em sua obra *Étant donnés* (1946-1966), Marcel Duchamp coloca em questão, dentre tantas outras coisas, o ponto de vista do observador em relação ao objeto artístico. Assim, o artista cria uma obra que dita a maneira como deve ser vista, a partir da fixação dos pontos de observação: orifícios em uma porta que mostram um corpo feminino despido em um cenário bucólico estereotipado. Está deitado, e a mão que

a ele pertence segura um lampião aceso. Dessa maneira, Duchamp problematiza a condição do observador que já não pode ver a obra da maneira que bem entender, pois cada orifício proporciona uma visão geral da cena e detalhes específicos. Estes pormenores se dão pela diferença de ângulo em que foram feitos na porta.

Trazer a obra de Duchamp para este trabalho não consuma um exercício de analogia direta, senão de diálogo livre que diz mais sobre como e o que penso, do que propriamente sobre a experiência em si. Assim como em *Étant données*, os óculos focais possibilitam uma visão através de dois orifícios que revelam uma perspectiva geral e detalhes específicos. Em contrapartida, os óculos são móveis e não mostram uma instalação, como fez Duchamp, mas um espaço específico situado na realidade, a sala 109. Eles não revelam, por conseguinte, o fragmento de uma cena, mas um recorte livre da sala, escolhido pelo movimento do usuário.

Como os furos feitos no aro dos óculos (o fundo do copo retrátil) foram marcados em lugares ligeiramente diferentes, quando os óculos eram usados, viam-se dois orifícios e uma zona de interseção entre eles. Para criar um único ponto focal seria preciso pressionar as duas “lentes” com as mãos, contra o nariz. Só assim, por meio da luta que se trava, a imagem de um único objeto da sala pode surgir.

Dessa maneira, quando os óculos eram usados sem o suporte das mãos para ajustar o ponto focal, uma distorção curiosa acontecia. Percebi que os pontos focais em conflito suprimiam a visão de parte do objeto quando observado em ângulo frontal. O quadro que trazia a face de Cristo pintada pela artista Márcia Mendonça, por exemplo, desaparecia parcialmente, de maneira que a imagem se formava apenas com as molduras formando um retângulo em branco.

Os passos dados no interior da sala eram calculados, e a cada momento preocupava-me com a possibilidade de esbarrar em uma cadeira ou bancada. Afinal, o tecido TNT vedava a visão do entorno, confundindo minha percepção do espaço. Assim, só seria possível observar algum objeto ou alguma parte da sala se parasse e movesse lentamente a cabeça, testando durante algum tempo o focar e o desfocar. A situação exigia tempo de observação, ajustes dos óculos ao rosto, e a percepção das mudanças que cada parte da sala ou objeto sofria gradativamente ao longo do processo.

### **Considerações finais**

A criação do zine-óculos permitiu-me pensar o fanzine a partir de uma perspectiva experimental. O resultado do processo talvez não seja um objeto que se possa chamar de publicação, ou mesmo de “zine”, uma vez que sua reprodução é difícil, dada a natureza assumida de gambiarra. É possível, também, que causasse estranhamento se fosse trocado com outros fanzineiros, como geralmente acontece nas feiras destinadas a estabelecer esse intercâmbio de produções e diálogo entre grupos. Porém, é possível traçar algumas relações entre um fanzine e o zine-óculos.

Ao longo do texto, expus o processo de criação/invenção do zine-óculos, bem como os materiais escolhidos na sua produção. Assim como os fanzines, de um modo geral, são publicações artesanais, o trabalho apresentando neste texto também o é. Trocam-se os grampos, a xerox, a tesoura e a cola pelos espetos de madeira, fita isolante, pedaços de arame e partes de um copo retrátil. A intenção de um zine-óculos é defender a identidade da sua feitura artesanal, em contraponto aos materiais de que são feitos os óculos que se pode comprar em uma óptica ou mesmo em um camelô. Muitos fanzines ainda hoje defendem essa identidade em detrimento do que seria uma publicação com edição requintada, com alta qualidade de impressão e encadernação, por exemplo.

O fanzine pode ser folheado, assim como os livros, revistas e publicações em geral. O zine-óculos traz duas propostas para ver/experimentar a sala 109 e cada um dos óculos busca uma experiência diferente. Nesse sentido, trocar os óculos é mudar de página, folhear a sala com olhos e maneiras de observar diferentes. A conteúdo da página está para a medida da experiência que se pode ter, que se entendem distintas, quando se coloca cada um dos óculos. A partir do que foi apresentado, a experiência de criação e uso disparou descrições e percepções diferentes do lugar, o que era esperado, apesar de não ser possível saber, a princípio, exatamente como essa diferença iria anunciar-se.

Durante as aulas de Ateliê de Criação II, a relação com os colegas e as discussões com meu orientador fizeram com que o trabalho ganhasse corpo e amadurecesse, para que também pudesse ser compartilhado nesta escrita. Costumo dizer, informalmente, que essa disciplina traduz de maneira muito potente o que a pós-graduação em artes representa em um nível pessoal. Quando Henrique Magalhães

fala que o fanzine é uma publicação feita por aficionados por algum personagem, tema em particular ou linguagem, creio que essas palavras dizem respeito a um interesse dos fanzineiros que não é muito distante do meu, quando me refiro à sala 109 como espaço de reflexão e criação.

Somando os resultados deste trabalho ao que venho pensando e estudando sobre fanzine e cidade, dentro do contexto de uma pesquisa maior no PPGArtes da UFC, acredito que novos trabalhos germinarão, responsáveis por criar outros diálogos. Quem sabe a importante e necessária ponte que revela um engendramento prático-teórico que se espera cada vez mais maduro, entre o que foi a proposição de um zine-óculos tão preocupado em redescobrir a sala 109, e o que será um zine-cidade, onde a ventura e a curiosidade buscam o momento em que espaço urbano, fanzine e experiência pessoal transigem em uma mesma substância.

Por fim, o zine-óculos, o ponto central desta escrita, passa a fazer parte da sala 109 e lá poderá ser encontrado pelos que, tendo lido este texto, quiserem fazer uma experiência de observação ao caminhar e ver o que acontece com o lugar através de seus aros. Essa mesma experiência caberá também aos desavisados que por algum acaso exploratório, um dia estiverem na sala 109, ocupados na agradável atividade de lá mexer, contemplar, desentulhar, manusear, intervir, deslocar, experimentar.

## Notas

<sup>1</sup> A Luneta Mágica é um romance cômico escrito por Joaquim Manuel de Macedo e publicado em 1869. A Luneta Mágica é provavelmente o primeiro romance brasileiro de fantasia, dentro daquilo que, mais tarde, seria chamado de "fantasia contemporânea" (ambientada na época do autor).

<sup>2</sup> Ensaio sobre a Cegueira é um romance do escritor português José Saramago, publicado em 1995 e traduzido para diversas línguas

<sup>3</sup> Trecho de O apanhador de desperdícios, em Memórias Inventadas - As Infâncias de Manoel de Barros - Manoel de Barros - Editora Planeta, 2008, p.45.

<sup>4</sup> Inspetor Bugiganga (título no Brasil) ou Inspector Gadget (título em Portugal) é um desenho animado franco-americano-canadense. Narra as aventuras de um inspetor policial que após sofrer um acidente, foi transformado numa espécie de robô com mil e uma bugigangas diferentes, através do projeto secreto "Bugiganga". Fonte: Wikipédia.

<sup>5</sup> Um Conto de Duas Cidades é um romance escrito por Charles Dickens, publicado em 1859.

## Referências

BARROS, Manoel de. Memórias Inventadas. A infância. São Paulo, Editora Planeta do Brasil: 2003.

\_\_\_\_\_. Memórias Inventadas. A Segunda Infância. São Paulo, Editora Planeta do Brasil: 2006.

\_\_\_\_\_. Memórias Inventadas. A terceira Infância. São Paulo, Editora Planeta do Brasil: 2008.

DICKENS, Charles. Um conto de duas cidades. São Paulo: Nova Cultura, 2002.

FÉRAL, Josette. Além dos Limites: teoria e prática do teatro. Perspectiva, 2015.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A luneta mágica. São Paulo: Editora Ática. 1990.

MAGALHÃES, Henrique. O que é fanzine. São Paulo: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1993.

PASKO, Martin; SCHROEDER, Al; SWAN, Curt. Superman - 330. Ed. Estados Unidos: DC Comics, 1978. 48 páginas.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. Companhia das Letras. 24º reimpressão, 2002.

SILVANO, F. (2010). Antropologia do espaço. Lisboa: Assírio & Alvim.

### **Páginas da internet**

Textos e textos - <<https://textosetextos.wordpress.com/2010/03/04/etant-donnes/>>.

Linked in/ Pedro Ivo Barbosa <<https://pt.linkedin.com/pulse/como-superman-se-esconde-atr%C3%A1s-dos-%C3%B3culos-pedro-ivo-barbosa>>.

Um túnel no fim da luz - <<http://falcaoklein.blogspot.com/2014/02/etant-donnes.html>>.

### **Ícaro Lênin Maia Malveira**

Mestrando do Programa de pós-graduação em Artes da UFC. Graduado em Letras/Português – Licenciatura pela UECE. Trabalha como professor no Colégio Diocesano Pe. Anchieta desde 2012, onde ministra aulas de Arte-educação e Literatura. Tem interesse pela pesquisa e criação de fanzine e por suas implicações no espaço da cidade.

### **João Vilnei de Oliveira Filho**

Doutor (2017) em Arte e Design pela Fac. de Belas Artes da Univ. do Porto/FBAUP, mestre (2009) em Criação Artística Contemporânea pela Univ. de Aveiro/UA e bacharel (2006) em Com. Social Pub. e Prop. pela Univ. Federal do Ceará/UFC. É professor assistente do Campus da UFC em Quixadá e membro do LICCA – Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte, i2ADS – Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade/FBAUP e iD+ - Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura/UA-UP.

### **Antonio Wellington de Oliveira Junior**

Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (1992), mestre (1997) e doutor (2001) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Realizou estágio Pós-Doutoral em Artes no Departamento de Comunicação e Artes da Universidade de Aveiro. Atualmente é professor Associado III do Instituto de Cultura e Arte da UFC, professor do Programa de Pós-Graduação em Artes e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, ambos da UFC.